

# Brincadeira de menino, de menina, ou de criança? (Des) construções de gênero em uma sala de aula através da literatura infantil

*Boy's, girl's, or child's play? Gender (de)construction in a classroom using children's literature*

Andressa Botton<sup>1</sup>  
Marlene Neves Strey<sup>2</sup>

## Resumo

Esta pesquisa problematiza como a temática de gênero pode estar presente em discussões e ações com as crianças, bem como busca atentar para a importância de que seja um tema trabalhado no ambiente escolar, utilizando-se de ferramentas lúdicas para esse fim. A coleta de dados deu-se em dois momentos distintos e contou com a participação de crianças e professoras do ensino fundamental de uma escola pública. No primeiro momento, foi utilizado um livro infantil que aborda temáticas como a igualdade de gênero, o empoderamento de meninas e mulheres e o respeito à diversidade sexual, de modo a proporcionar um espaço para produção e reflexão dos meninos e das meninas, os/as quais discutiram as relações de gênero através do enfoque dos brinquedos e das brincadeiras infantis. No segundo momento, analisou-se se as profissionais que trabalham com as crianças proporcionam espaços para vivências e discussões desses temas, através de entrevistas semiestruturadas. Percebeu-se que as crianças trazem ideias sobre gênero ainda estereotipadas e polarizadas em “de/para menino” e “de/para menina”, mas que, quando é dado o espaço para reflexão e produção, elas próprias conseguem achar maneiras de subverter esses exemplos, baseadas em seu cotidiano. Nesse sentido, a função do/a professor/a é extremamente importante como atores/atrizes nessa construção que rompe com as questões de gênero tradicionais e intervém produzindo uma escola mais igualitária, tolerante e que respeita as diferenças de gênero e a diversidade humana.

**Palavras-chave:** gênero; infância; escola; literatura infantil; professores/as.

## Abstract

This research questions how the gender theme may be present in discussions and actions with children, as well as it seeks to pay special importance for it to be developed in the school environment, with playful tools for this purpose. We collected data in two different stages, and students and teachers from a public elementary school participated in the research. In the first stage, we used a children's book which approaches themes such as gender equality, girls and women empowerment, and respect to sexual diversity, in order to promote a space of production and reflection of both boys and girls, who discussed gender relationships focusing in toys and child's plays. In the second stage, we analyzed if the professionals who worked with the children promoted spaces for experiencing and discussing such themes, using semi-structured interviews. We noted that children still bring stereotyped and polarized ideas about gender, when saying “for boys” and “for girls”, but, when given space for reflection and production, the children themselves are able to find ways of subverting these examples, based on their everyday lives. Therefore, the teachers' role as actors in this construction which breaks traditional gender issues is extremely important, as they may step in, producing a more equalitarian, tolerant school, which respects gender differences and human diversity.

**Keywords:** gender; childhood; school; children's literature; teachers.

<sup>1</sup> Psicóloga. Mestre em Psicologia. Desenvolve atividades como psicóloga na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e como doutoranda no programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), no Grupo de Pesquisa “Preconceito, Vulnerabilidades e Processos Psicossociais”. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil • E-mail: andressa\_botton@hotmail.com

<sup>2</sup> Psicóloga. Mestre, Doutora e Pós-Doutora em Psicologia. Professora aposentada do curso de Psicologia da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pesquisadora CNPq. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Relações de Gênero. Coordenadora da série Gênero e Contemporaneidade, editada pela EDIPUCRS. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. • E-mail: nevesstrey@gmail.com

## Gênero, infância e escola – como esses conceitos se entrelaçam?

A escola é facilmente identificada como o ambiente que crianças e adolescentes frequentam para (in)formar-se sobre diversos conteúdos formais do conhecimento humano. Há, entretanto, um conhecimento proveniente das vivências, trocas e convívios que não é cobrado em concursos de vestibular ou provas de seleção. Ele se dá através das relações estabelecidas nesse local, em que as crianças também constituem sua subjetividade e moldam seus jeitos de ser e existir através da convivência com o outro – com o diferente. Para Finco (2012), pode vir a ser o primeiro local em que elas presenciam experiências diferentes das suas casas e famílias e, conseqüentemente, os aprendizados podem vir a ser diferentes dos que tinham até então.

A aprendizagem que se dá nas relações sociais pode não ser o objetivo formal da escola, mas ela ocorre diariamente, podendo ser agradável, acolhedora e agregar aspectos positivos às crianças e adolescentes. Entretanto, pode ser cruel, causar rejeição e muito sofrimento naqueles/as que não se adequam aos padrões estipulados socialmente (WENETZ, STIGGER & MEYER, 2013). Esses padrões podem-se expressar nos aspectos físicos, intelectuais, econômicos, culturais e, de um modo transversal a todos esses, nas questões de gênero. Esse tema, ainda considerado extremamente polêmico nos dias atuais, difunde-se através dos dispositivos de informação, sendo a escola um deles, e atinge qualquer faixa etária, inclusive as crianças.

“Desde cedo, meninos e meninas são tratados de forma diferente, refletindo o que se espera de um, ou de outro sexo” (TAQUETTE, 2012, p. 69). Como as desigualdades de gênero estão presentes nos diferentes espaços sociais, sendo mantidas e incrementadas pelos discursos dos dispositivos de informação social, é necessário pensar estratégias para frear essa disparidade entre masculino e feminino, entre homens e mulheres e entre meninos e meninas. Entende-se que a escola é um desses espaços de (in)formação social que produz e reproduz desigualdades de gênero, pois, concomitantemente à heterogeneidade presente em seu interior, há a intolerância com o diferente e a exigência de seguimento de certos padrões sociais. De acordo com Finco (2012), as dicotomias definidas para homens e mulheres influenciam intensamente a maneira como se ensina meninos e meninas, e contribuem para a desigualdade de gênero quando nenhuma intervenção é realizada.

Nessa perspectiva, esse é um assunto que precisa ser discutido na/pela escola, uma das instituições responsáveis pela formação das crianças tanto em relação à aprendizagem formal, como relacional. Uma das estratégias é promover ações que visem refletir e combater os prejuízos causados desde a infância pelas desigualdades de gênero em nossa sociedade, direcionadas a meninos e meninas. É necessário questionar e diminuir a naturalizada desigualdade de gênero e promover o empoderamento de meninas e mulheres, bem como o respeito à diversidade sexual. Com esse intuito, descreve-se a abordagem que foi utilizada em uma escola, com meninos, meninas do ensino fundamental e suas professoras para trabalhar essas questões.

## Método

Este artigo traz um recorte do método aplicado em uma pesquisa de doutorado na qual se propôs uma intervenção psicoeducativa intitulada pelas autoras “Falando sobre Gênero”. Essa pesquisa foi realizada em uma escola pública, com vinte e duas crianças do primeiro ano do ensino fundamental e com quatro profissionais da escola, cada etapa envolvendo um procedimento de coleta de dados. Com as crianças, realizaram-se dez encontros para leituras de livros infantis e realização de atividades lúdico-reflexivas sobre as temáticas que norteiam a pesquisa: igualdade de gênero, empoderamento de meninas e mulheres e respeito à diversidade sexual.

Os livros lidos<sup>1</sup> foram escolhidos após análise documental que avaliou essas obras destinadas ao público infantil, bem como investigou a potencialidade desses instrumentos para subversão de estereótipos de gênero e para o trabalho com as três temáticas citadas. Os encontros de contação de histórias foram a primeira etapa da coleta de dados, sendo a segunda composta pelas entrevistas semiestruturadas realizadas com as profissionais da escola, nas quais se investigou sobre gênero no contexto educacional, contemplando os mesmos temas, pilares dessa pesquisa. Neste artigo, abordam-se os dados coletados em um dos encontros de leitura com as crianças, no qual foi lido o livro “Menina não entra” de Telma Guimarães Castro Andrade (2006).

Essa obra conta a história da protagonista Fernanda e do dia em que a menina, mesmo após resistências de vários meninos, foi aceita para jogar em um time de futebol desfalcado, em sua vizinhança. Com suas exímias habilidades para o jogo, a personagem mostra que preconceitos e estereótipos de gênero não têm espaço nesse time e que as meninas podem ser uma presença muito requisitada nesse esporte. Após a leitura para as dezoito crianças presentes, foi proposta uma atividade lúdico-reflexiva para trabalhar sobre as preferências por brinquedos e brincadeiras. Assim, cada criança deveria representar a brincadeira de que mais gosta/com que mais se identifica através de mímica, para que os outros colegas pudessem adivinhar. Cada brincadeira era anotada em um cartaz visível a todos/as e, ao fim da atividade, foram discutidas as particularidades e semelhanças com as crianças, bem como os desdobramentos dessas predileções.

Para a realização desta pesquisa, respeitamos as orientações éticas firmadas na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, sendo o projeto previamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, sob o número CAAE 57344916.9.0000.5336. As crianças participantes e seus pais, mães ou responsáveis, bem como as profissionais entrevistadas, tiveram explicações sobre a preservação da sua identidade e da escola sempre que houver a publicação dos resultados, sendo convidados(as) a manifestarem sua concordância com a assinatura do Termo de Assentimento e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, respectivamente. Os encontros foram filmados, transcritos na íntegra e analisados através da Análise de Discurso (Gill, 2004). Após o término do doutorado, todos os dados serão apagados. Esclarece-se que são utilizados nomes fictícios

para identificar as falas retratadas a seguir, e que as crianças dirigiam-se à primeira autora como “professora”, ou “profê”.

### **As questões de gênero no cotidiano dos brinquedos e das brincadeiras infantis**

Um questionamento pertinente sobre essas crianças pesquisadas é: de que maneiras elas percebem o marcador gênero em suas brincadeiras e no seu cotidiano? Que espaço a escola e as professoras proporcionam para essas discussões e vivências? O trabalho em sala de aula permitiu reflexões sobre isso. A seguir, relatam-se algumas delas através dos diálogos das crianças e de fragmentos das entrevistas das profissionais.

O encontro em questão aconteceu um dia após a celebração do “Dia das Bruxas”. A maioria das crianças usava fantasias: bruxas (nenhum bruxo), vampiros (nenhuma vampira) e super-heróis (super-heroína, tampouco) tornavam o ambiente descontraído e agitado, intensificando a interação provocada pela intervenção. Já durante a leitura do livro infantil houve exaltação e questionamentos das crianças para a pesquisadora e entre elas próprias, seguidas de discussões durante a atividade lúdico-reflexiva proposta. Assim, através dessas produções verbais e comportamentais das crianças, pode-se confirmar a viabilidade de se trabalhar de forma lúdica sobre as questões gênero já na infância.

Como descrito no método, o livro conta a história de um time de futebol chamado “Meninos Futebol Clube”, que, ao longo das primeiras páginas, vai sendo formado com a presença, apenas, de meninos. Quando o time está quase completo com crianças do sexo masculino, Giovane rompe o silêncio e a atenção da turma:

**Giovane:** *profe, mas as meninas também podem jogar futebol!*

**Pesquisadora:** *ah, mas agora tu vai ver uma surpresa, então. Eu concordo contigo.*

**Camila:** *eu também.*

**Juliana:** *eu também.*

**Antônio:** *eu também concordo.*

**Camila:** *eu já joguei futebol de sandálias.*

Em um dos primeiros momentos, as crianças já subvertem um ensinamento tradicional: que futebol é coisa de menino. Meninos e meninas concordam, e Camila, inclusive, desafia essa “norma” com um vestuário feminino inapropriado para o esporte. Ao mencionar que já jogou usando sandálias, mostra que tem conhecimento – e que sabe que os/as outros/outras também têm – da dicotomia imposta pelo gênero na sociedade, apresentando uma forma de romper com isso: se é preciso usar as sandálias, também pode jogar futebol assim.

Com isso, percebe-se a constituição que a sociedade impõe a homens e mulheres através do gênero, delimitando e legitimando posições. São marcadores com base nas diferenças sexuais que funcionam como normas sociais e são, desde a infância, internalizados como instruções de formas de ser e comportar-se no mundo (LISBOA, SILVA & REZENDE, 2015). Os brinquedos e brincadeiras, para além da importância lúdica, têm essa característica generificada, que ensina as regras e os valores sociais às

crianças. É clara a compreensão social de que bonecas e brinquedos de práticas domésticas são entendidos como de/para meninas, enquanto carrinhos, armas, super-heróis e futebol são de/para meninos (MORIN-MESSABEL, FERRIÈRE, LAINÉ, MIEYAA & ROUYER, 2016). Essas crianças já sabem isso, tanto que seus diálogos presumem a subversão desses estereótipos. Observa-se que o ambiente acolhedor aos questionamentos e afirmações feitas é indispensável para produções infantis que promovam igualdade entre os gêneros.

Nesse sentido, outra passagem faz-se interessante. Quando veem no livro a imagem do estádio de futebol lotado, apenas os meninos da sala de aula vibram com intensidade, até que Frederico pergunta:

**Frederico:** *o jogo era de menino ou de menina?*

**Pesquisadora:** *o jogo era de meninos e meninas. O que que tu acha disso, Frederico? Tu jogaria com meninas?*

**Frederico:** *se fosse bom de jogar, sim. Senão, não.*

**Giovane:** *Eu jogaria com meninas.*

**Camila:** *eu jogaria com meninos, eu jogo.*

**Juliana:** *eu jogo sozinha.*

**Giovane:** *no meu time jogam vários meninos e várias meninas.*

Na sociedade atual, o marcador gênero ainda é excludente. Sabe-se, segundo Scott (1995), que ele produz relações de poder que, historicamente, geram desvantagens ao sexo feminino e privilegiam o masculino. A cena anterior ilustra essa ideia no momento em que Frederico se arrisca a perguntar se o jogo da obra infantil também exclui (usando o advérbio “ou” e colocando meninos e meninas em oposição) quando pergunta se o jogo era de meninos ou meninas. Gênero ainda está nos discursos sociais de forma polarizada, e essas crianças representam a sociedade em que vivem. Algumas, por exemplo, não conseguem identificar o futebol como uma brincadeira que deve ser aproveitada por crianças, mas precisam polarizar essa prática e generificar o esporte. O aspecto positivo é que, no espaço dado, eles conseguem questionar, experimentar-se e, até mesmo afirmar-se perante os/as outros/as, através de posicionamentos de subversão das questões tradicionais de gênero.

Através do diálogo infantil, temos diferentes experiências entre as crianças: Giovane e Camila que jogam com o sexo oposto, Frederico que talvez nunca tenha jogado com as meninas, pois não sabe se é bom e Juliana que prefere jogar sozinha, pois, talvez, não se tenha empoderado o suficiente para propor e praticar um futebol de igualdades. Nesses exemplos, pode-se identificar o potencial das crianças e dos espaços que promovem reflexões e discussões sobre esse tema, bem como a importância de que sejam criados e/ou cultivados nas escolas.

Buss-Simão (2013) explica que as relações infantis permitem incontáveis formas de ser para as crianças, tanto no nível individual, quanto no relacional. Assim, não são reflexo unicamente das questões biológicas, ou das influências socioculturais, mas da conciliação entre elas e entre a personalidade de cada criança. “As crianças, às vezes, se tornam resistentes e desafiam a imposição de estereótipos e, outras vezes, atualizam, reproduzem e acentuam esses mesmos estereótipos” (p. 181). E é essa

diversidade que, ao mesmo tempo em que demonstra que há possibilidade e espaço para trabalhar a igualdade de gênero e o empoderamento com as crianças, exige que esse trabalho seja feito, a fim de que o tradicional que já está naturalizado, não seja visto como o correto, ou a única opção de ser, viver e comportar-se com relação às questões de gênero.

Após a leitura do livro infantil, continuou-se o tema das brincadeiras, com as crianças expressando suas preferências através da mímica para que a turma adivinhasse. A primeira criança a propor uma quebra de estereótipos de gênero em suas brincadeiras foi Juliana. Disse que sua brincadeira predileta era “jogar futebol com os guris”, embora na passagem anterior tenha dito que joga sozinha. Pode-se pensar que, talvez, sua brincadeira predileta revele a vontade de que o jogo de futebol com os meninos aconteça (ou pela primeira vez, ou com mais frequência), já que acaba tendo que jogar sozinha. Também houve uma única menina que encenou uma brincadeira socialmente definida como do sexo feminino. Catarina encena sua predileção por bonecas, tendo os/as colegas tentado adivinhar através de estereótipos também entendidos como do feminino: “Ballet! Nenê! Fazendo o nenê dormir!”, arriscaram os colegas, até acertarem: “brincar de boneca”. Já entre os meninos, a brincadeira preferida de quatro deles está ligada a estereótipos definidos socialmente como masculinos, como “brincar de arma” e de “polícia e ladrão”. Nenhuma menina demonstrou interesse por essas práticas.

Nota-se, assim, que a questão dos estereótipos está presente, mas ainda há espaço para liberdade no brincar, quando vemos a escolha de brincadeiras definidas socialmente como “neutras”, por não serem automaticamente entendidas como brincadeiras “de menino ou de menina”. Nesse contexto, três meninas escolheram como sua preferência o brincar de pega-pega, duas escolheram o brincar de esconde-esconde e um menino encenou o brincar de escorregador, demonstrando que os estereótipos de gênero, embora presentes, não são soberanos e, por isso, há como desconstruir o que já está naturalizado para as crianças.

Vê-se que escola é um espaço de negociação das diferenças e da diversidade existente. Também é um espaço de reafirmação dos discursos tradicionais, de cobrança de modelos de ser menino/homem ou menina/mulher, com vigilância para que não haja desvios. Mas, é nas relações entre os/as diferentes, nas resistências e nos contrapontos que se abrem possibilidades para as negociações e afirmações de cada um/a, inclusive sobre as questões de gênero. Lidar com essa diversidade é visto como um desafio pelos professores e professoras. Todavia, é nela que habita a possibilidade de falar sobre as diferenças, de pensar e propor mudanças para aplacar os preconceitos baseados em dicotomias de gênero (LOURO, 2014; SEFFNER, 2013).

Nessa sala de aula, observou-se que a compreensão de gênero pelas crianças tinha elementos baseados nas questões de gênero tradicionais, bem como estratégias para subverter esses discursos e aprendizados naturalizados. Frente a isso, pode-se pensar que, talvez, esteja refletindo não apenas a sociedade atual, em que essas duas (e outras) formas de entendimento desses aspectos coexistem, mas

o cenário problematizador de gênero que as professoras dessa escola cultivavam. Nas entrevistas, pode-se ver como os brinquedos e brincadeiras são utilizados por elas como potenciais questionadores dos estereótipos de gênero, bem como possíveis ferramentas de transgressão. Uma professora conta sobre como conduz suas reações quando as crianças experienciam comportamentos que ampliam as vivências de gênero para além das construções sociais tradicionalmente definidas.

*Esses dias uma aluna da tarde trouxe uma bola e eu disse: “Ah que bom, tu trouxe bola”. Aí o colega disse “É porque ela vai jogar futebol com a gente”. E eu respondi: “Ah, que bom, eu gosto quando vocês brincam juntos”. Daí, sabe, então, valorizando esses momentos diferentes. O menino pega na boneca e eu digo: “ah, que legal, o que que tu é da criança? É o pai? O padrinho?” Sabe, eu já instigo eles assim. (...) Até porque eles aceitam muito bem as coisas (Paula, professora).*

A Professora Joice também traz o exemplo de um menino que brinca com bonecas para exemplificar uma intervenção importante, mostrando sua sensibilidade ao trabalhar com o conceito de gênero.

*Esses dias eu estava conversando com uma criança e ele me disse assim: “professora, esses dias eu estava passando na rua com a minha mãe e encontrei uma boneca que jogaram fora”. Acho que em um container, pelo que ele me explicou. “E eu peguei a boneca, porque eu gosto de brincar de boneca. Só que eu não conto pra ninguém, porque se eu falo pros meus colegas eles dão risada de mim”. E eu disse pra ele: “não tem nada errado em brincar com bonecas, mas também eu acho que tu está certo em não te expor no sentido de não vir a ser zombado, né. Mas não tem nada de errado nisso”. (...) E ele ficou tão aliviado quando eu disse pra ele que não tinha nada de errado em brincar de boneca (Joice, professora)*

A intervenção da profissional parece tranquilizar o menino sobre sua preferência por um brinquedo dito feminino. Entretanto, embora se entenda a intenção dela em mencionar o resguardo da criança para não sofrer com a exposição perante os/as outros/as, essa recomendação pode vir a ser entendida pelo aluno como um sinal de que ele está fazendo algo errado, não adequado e, por isso, precisa ser escondido. Dessa forma, avalia-se que caberia uma intervenção na turma dessa criança, para desconstruir estereótipos e diminuir as resistências – se elas existirem de fato, e não apenas no imaginário desse menino – até que ele (e talvez outros/as) se sentissem à vontade para vivenciar suas experiências sem as restrições do marcador gênero.

É de suma importância que as escolas e os/as professores/as estejam seguros para trabalhar todos os assuntos sobre gênero que surgirem. É comum que tais temas, vistos socialmente como tabus, sejam evitados e silenciados quando surgem. Entretanto, por fazerem parte da constituição identitária humana, frequentemente expressam-se no dia a dia de meninos e meninas de diferentes formas: nas brincadeiras, no vestuário, nas

cobranças por desempenho e por comportamento, com intensidades diferentes ligadas ao sexo. Assim, os/as professoras/as precisam de formação, treinamento e atualização para abordarem tais questões em sala de aula sem reforçarem estereótipos e preconceitos (LEITE & MAIO, 2013). E, se já têm sensibilidade e abertura para tais assuntos como as professoras citadas, devem ter sempre o apoio escolar para que esse espaço seja entendido como de produção, reflexão e aprendizados sobre as questões de gênero, para permitir melhorias significativas e tão necessárias no cenário atual.

E as crianças, o que pensam sobre meninos brincando de boneca? Essa discussão surgiu quando se trabalhou a possibilidade de meninos e meninas brincarem do que sentiam vontade, e não de acordo com definições sociais. A resistência – dos meninos – foi bastante grande, mesmo as meninas insistindo para a quebra desses preconceitos. A seguir, a descrição da cena vivenciada, que ocorreu após todos/todas terem expressado suas preferências no brincar através das mímicas e dialogou-se sobre as brincadeiras escolhidas.

**Pesquisadora:** *Todo mundo aqui pode brincar de tudo o que vocês quiserem. As meninas podem brincar de futebol, de pega-pega, de esconder. Os meninos também. Os meninos podem brincar, se eles quiserem, de boneca.*

**A reação é quase unânime:** *eles gritam, reagem indo para trás e fazendo movimentos negativos com a cabeça, fazem caretas, jogam os materiais escolares para cima ou contra suas classes. Antônio faz caretas. Fernanda olha pra ele e ri, como desmerecendo sua atitude. Ele para.*

**Giovane:** *blééé. Joga o estojo e diz: só vou brincar com meu boneco Max Steel.*

**Frederico:** *eu não vou brincar de boneca. Nem que a vaca tussa.*

**Marcelo:** *blééé, eu não gosto. Boneca, não. Eca!!!*

**Juliana:** *Marcelo, como que tu não gosta de boneca? Claro que tu gosta.*

**Marcelo:** *eu odeio boneca.*

**Joana:** *eu tenho um priminho que gosta de brincar de boneca.*

**Pesquisadora:** *e com os bonecos de super-heróis vocês não gostam de brincar?*

**Antônio levanta da cadeira:** *siiim.*

**Giovane:** *eu gosto.*

**Mariana:** *eu também gosto.*

**Camila:** *eu gosto. Eu tenho uma coleção de super-heróis.*

**Joana:** *eu sempre pego os carrinhos do meu irmão pra brincar e eu tenho dois amigos que brincam comigo de boneca.*

**Daniela:** *o meu primo tem quatro anos e ele brinca de boneca e de comidinha comigo.*

Essas são algumas falas que demonstram a grande interação das crianças ao discutirem as questões de gênero. Percebe-se que elas mesmas se cobram e interpelam as resistências das outras, mostrando com exemplos do seu dia a dia como a transgressão de gênero está presente e é comum. Buss-Simão (2013) alerta que a forma como as crianças entendem gênero está vinculada aos contextos em que circulam e aos discursos que os constituem. E que parece haver uma pressão maior sobre os meninos para

que sejam “não-femininos”, do que para as meninas serem “não-masculinas”. Assim, a necessidade de se adequar ao gênero correspondente ao sexo biológico é mais cobrada dos meninos/homens que precisam ser como heróis e guerreiros para garantir sua masculinidade, rejeitando tudo o que é associado ao feminino. Além das cobranças sociais, há a vigilância que as próprias crianças fazem com elas mesmas, lembrando umas às outras sobre os perfis que devem se adequar.

Desse modo, é notável que todas as intervenções que tentam ou ilustram a transgressão das normas de gênero vieram das meninas. São seis alunas dessa sala de aula que se propuseram a desconstruir os discursos naturalizados que os meninos insistiram em impor. Inclusive, duas delas também demonstraram se identificar em brincar com bonecos de super-heróis, e não apenas com bonecas. Não há dúvidas do seu empoderamento quando afirmam suas preferências sem receios, rejeitando a histórica posição de submissão em relação ao sexo masculino e fortalecendo sua autonomia perante os meninos, além de buscarem promover sua igualdade com os colegas, tentando diminuir o abismo que há entre suas preferências, trabalhadas aqui através dos brinquedos.

Essas mesmas meninas – empoderadas e que lutam por igualdade – fazem outras negociações sobre as diferenças entre elas e seus colegas meninos. Há uma passagem em que se discute sobre como eles se dividem para brincar, se por sexo ou por outras preferências pessoais. Após algumas cobranças e explicações das crianças entre si, fica claro o quanto elas, na prática, conseguem subverter as normas de gênero, mas o quanto os meninos ainda têm dificuldade em expressar suas preferências quando elas não são típicas do masculino.

**Pesquisadora:** *e agora, com todas essas brincadeiras, quero que vocês me digam: brincam as meninas e os meninos juntos? Ou as meninas separadas dos meninos?*

**Daniela:** *os meninos e as meninas.*

**Frederico:** *menino com menino.*

**Pesquisadora:** *tem algum menino aqui que brinca com as meninas. Marcelo e Giovane levantam a mão.*

**Vinicius:** *eu gosto de brincar com as gurias.*

**Pesquisadora:** *Tem algum menino que não goste de brincar com as meninas? Antônio e Tiago levantam a mão.*

**Joana:** *e o Marcelo também não gosta.*

**Marcelo:** *eu gosto, eu brinco com vocês todos os dias.*

**Joana faz um movimento de “mais ou menos” com a mão e diz:** *e como é que o Tiago brinca com as meninas todos os dias e diz que não gosta de brincar?*

**Marcelo:** *profe, o Tiago também brinca com as meninas e comigo.*

**Giovane:** *é verdade!*

**Pesquisadora:** *Tiago, o Marcelo tá dizendo que tu brinca com as meninas.*

**Tiago:** *algumas vezes.*

**Marcelo:** *é, não é todos os dias. Não vem dizer que é, porque não é todos os dias.*

É interessante perceber que Marcelo é apontado como um colega que não gosta de brincar com as meninas, mas ele não admite esse papel. Ainda aponta, junto com Joana,

o colega Tiago como um companheiro de resistência à polarização, pois, segundo ele, os dois brincariam com as meninas e não se segregariam pelo sexo. Tiago, entretanto, diz que essa afirmação é parcial e Marcelo aponta seu comportamento de segregação como negativo ao afirmar que ele não estaria sendo verdadeiro se dissesse que brinca todos os dias com as meninas. No discurso de Marcelo, parece haver orgulho em estar junto com as meninas, em se aproximar do feminino. Mas ele não é visto de forma tão transgressora pela colega Joana, embora queira mostrar que sim. Assim, pode-se pensar que, talvez para Marcelo, aquele ambiente estava sendo entendido pelas crianças como propício para a manifestação da igualdade entre meninos e meninas e que essa característica teria valor naquele espaço, permitindo que ele a manifeste.

Nessa perspectiva, é possível que a história infantil lida na Hora do Conto tenha ajudado nessa percepção, ao trazer um tema que faz parte do cotidiano dessas crianças. Isso porque, o fechamento da obra é bastante inspirador: meninos e menina (protagonista) jogando juntos – e a personagem sendo valorizada pelo sexo oposto – quando ela faz sugestões: que se abram vagas para meninas no time e que o nome seja mudado. A turma é interpelada pela contadora da história:

**Pesquisadora:** *Como era o nome do time antes? (As crianças não lembravam na integridade. Foram ajudadas a lembrar: “Meninos Futebol Clube”). Qual será o nome que a personagem sugeriu?*

**Camila e Daniela:** *Meninos e Meninas Futebol Clube.*

**Pesquisadora:** *não. Ela sugeriu: “Todo Mundo Futebol Clube”. Pode ser também?*

**Giovane:** *poooooode.*

**Pesquisadora:** *mas eu gostei da ideia de vocês: Meninos e Meninas Futebol Clube. Quem ia querer jogar nesse time? Joana, Bruna, Camila, Giovane, Marcelo, Daniela e Tiago levantam a mão.*

São em trocas como essas, que as crianças demonstram que o objetivo da intervenção foi alcançado. Diálogos em prol da igualdade de gênero e/ou do empoderamento feminino, bem como a exposição (e o respeito) às suas diversidades faz o trabalho ter sentido e valer a pena. Nesse sentido, as professoras também se orgulham de suas intervenções diárias e de trabalhar essas temáticas no cotidiano, pois conseguem ver os desdobramentos de suas ações, como descrito a seguir:

*Mas aqui com eles sempre foi muito através do discurso, do comportamento, de deixar eles mais livres. Por exemplo, a turma da manhã, antes de juntarmos com a outra turma, eles brincavam parelho de boneca, os guris se botavam nos papéis de pai, de padrinho e eu ficava observando. Era bem bonito de ver assim, sabe. Daí eu fui vendo que era aquela sementinha, aquela fala de todos os dias que estava rendendo ali (Paula, professora).*

*Eu acho que oportunizando para as crianças desde uma culinária, uma atividade desportiva que eles possam trabalhar em parceria, de igual pra igual, mostrando que a capacidade é igual, não interessa se é menino ou menina. E*

*eu acho que a gente acaba, inconscientemente, construindo muito isso, em sala de aula porque a gente faz muitas mediações. Às vezes, quando a criança faz uma colocação. Porque tem uns que tu já vê que vem machistinha de casa. (...) Mas daí quando a gente fala: não, mas não é assim né, e explica pra criança: pronto! Já desfaz aquela coisa ferrenha, um ponto de vista mais machista ou coisa parecida (Joice, professora).*

Moreno (1999) descreve a importância das intervenções no ambiente escolar, pois, quando não se intervém e se deixa perpetuar comportamentos estereotipados em relação ao gênero é como dar apoio ao modelo que reproduz a desigualdade de gênero e a submissão feminina. “Se acreditamos que deixando que meninas e meninos façam ‘o que querem’ estamos deixando-os em liberdade, equivocamo-nos, porque tenderão a reproduzir os esquemas e modelos do seu meio, ou seja, estarão à mercê do ambiente” (p. 74). Sabendo que os contextos contemporâneos ainda reproduzem aspectos tradicionais de gênero (haja vista a fala de muitas crianças demonstrando isso), entende-se que é preciso intervir, problematizando e questionando a rigidez das questões de gênero, bem como, com respeito à cada criança e seu grau de conhecimento dos fatos, buscar ampliar sua visão sobre essas temáticas.

A escola pode ser um elemento de extrema relevância na mudança das representações e dos comportamentos sobre as relações de gênero, pois pode difundir conceitos, práticas sociais e mecanismos de socialização que divulguem a equidade entre homens e mulheres (LOURO, 2014; TILIO, 2014). Para isso, é preciso que todos/as os/as engajados/as na causa, estejam convencidos da importância deste trabalho e da necessidade de envolver crianças, pais, mães, familiares, professores/as e escola como um todo para que todos/as possam ter discursos mais próximos. E que os ensinamentos sobre as questões de gênero, além de questionar as normas instituídas, possam construir práticas pedagógicas com possibilidades de mudanças para espaços onde não haja mais sofrimento e preconceitos, mas impere a igualdade de gênero, o empoderamento feminino e o respeito à diversidade humana.

### **Algumas considerações para que o trabalho não se encerre...**

A escola precisa ser entendida como um espaço em que o conhecimento vai além dos conteúdos formais como matemática, português e geografia, mas que pressupõe, de forma importante, o aprendizado relacional, que se dá na interação com os/as outros/as. Sendo a escola uma instituição construída pela sociedade, e construtora da sociedade, reproduz inúmeros dos seus discursos sociais, dos acontecimentos e comportamentos comuns do cotidiano. Nesse sentido, um dos aspectos que precisa ser considerado são as questões de gênero e todos os seus desdobramentos nos modos de ser e viver dos sujeitos.

Percebeu-se que a escola mantém as desigualdades de gênero que estão presentes em diferentes espaços contemporâneos. E que essas desigualdades são

naturalizadas e, assim, podem ser entendidas como normais e/ou corretas pelas crianças, professores/as e até mesmo seus familiares. Na tentativa de problematizá-las e diminuí-las trabalhando pela igualdade de gênero, pelo empoderamento de meninas e mulheres e pelo respeito à diversidade sexual, observou-se a viabilidade de trabalhar tais temáticas desde a infância, em consonância com o trabalho junto às professoras desses meninos e meninas, a exemplo da intervenção realizada.

As crianças demonstraram, através do lúdico, que há uma oposição já aprendida que segregava meninos e meninas em lados opostos e que, muitas vezes, não permitiria nem uma mesma brincadeira para ambos. Entretanto, utilizando o espaço de questionamentos e diálogos proporcionado, meninos e meninas conseguiram mostrar – também de forma lúdica – como conseguem transgredir os estereótipos de gênero e as diferenças que a sociedade lhes ensina e impõe. Assim, percebe-se que a intervenção proposta atinge seu objetivo, aproximando meninos e meninas na hora de discutirem sobre gênero e proporem formas de construir a igualdade entre eles/elas.

É notável que muitas dessas crianças perceberam que se pode caminhar para a igualdade e conseguiram aproveitar o espaço proporcionado para fortalecer suas habilidades em prol do empoderamento de meninas e da diminuição das desigualdades de gênero. Tornase claro, entretanto, que um espaço acolhedor a essas propostas é determinante para que elas consigam seguir

problematizando. Percebeu-se, inclusive, que elas já possuíam espaços facilitadores para essas práticas através dos discursos das professoras, podendo aproveitar, ainda mais, o contexto propício da intervenção para seguirem refletindo e criando. Nesse sentido, crianças que têm espaço para desconstruir o naturalizado, demonstram a necessidade de que sempre seja dado prosseguimento às intervenções com esse fim, pois, é com resultados como os alcançados nesta pesquisa, que essas práticas fazem sentido e cumprem seu papel.

Cabe ressaltar que, por coincidência, a professora dessa turma pesquisada é formada em Ciências Sociais e, em função disso, tem um aprendizado sobre as questões de gênero, bem como comentou que costumava introduzir questionamentos e/ou práticas pedagógicas que pudessem problematizar e desconstruir aspectos patriarcais, sexistas e/ou de desigualdade de gênero que surgiam na sala de aula. Assim, observa-se que esses meninos e meninas já tinham contato com fatos semelhantes aos propostos pela intervenção, o que esclarece, ainda mais, a relevância de que o trabalho sobre gênero nas escolas vá além do pontual e/ou emergencial, e que possibilite o aprendizado dos aspectos da igualdade de gênero, do empoderamento de meninas e mulheres e do respeito à diversidade sexual de forma cotidiana, tornando a escola um lugar mais acolhedor para as incontáveis formas de existência humana, bem como formador de sujeitos mais respeitosos, tolerantes e empáticos uns com os outros.

**Recebido em: 19/09/2017**

**Aprovado em: 17/11/2017**

## Nota

<sup>1</sup> Os livros escolhidos, após análise documental, através do métodos de análise semiótica de imagens paradas (PENN, 2004) e análise de discurso (GILL, 2004), foram: O grande e maravilhoso livros das famílias, de Mary Hoffman (2010); Menina não entra, de Telma Guimarães Castro Andrade (2006); A menina e o menino que brincavam de ser..., de Tina Xavier (2009); A pior princesa do mundo, de Anna Kemp (2015); Príncipe Cinderelo, de Babette Cole (2002) e A princesa sabichona, de Babette Cole (2004). Os livros estão citados na mesma ordem em que foram lidos para as crianças.

## Referências bibliográficas

- ANDRADE, T. G. C. **Menina não entra**. São Paulo: Editora do Brasil, 2006.
- BUSS-SIMÃO, M. Relações sociais de gênero na perspectiva de crianças pequenas na creche. **Cadernos de pesquisa**, v 43, n 148, Maranhão, 2013. p. 176-197.
- CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução do Conselho Nacional de Saúde 466/12**. 2012. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em 09 de agosto de 2017.
- FINCO, D. Educação infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças: transgredindo as fronteiras de gênero. In: STREY, M. N.; BOTTON, A.; CADONÁ, E.; PALMA, Y. A. (Orgs). **Gênero e ciclos vitais: desafios, problematizações e perspectivas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p. 43-65.
- GILL, R. Análise de discurso. In: BAUER, M.; W. GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004. p. 244-270.
- LEITE, L. L.; MAIO, E. R. **Gênero e sexualidade na educação infantil e a importância da intervenção pedagógica**. Anais do VIII Encontro de Produção Científica e Tecnológica (2013). Disponível em: [http://www.fecilcam.br/nupem/anais\\_viii\\_epct/PDF/TRABALHOS-COMPLETO/Anais-CH/PEDAGOGIA/06-completo.pdf](http://www.fecilcam.br/nupem/anais_viii_epct/PDF/TRABALHOS-COMPLETO/Anais-CH/PEDAGOGIA/06-completo.pdf). Acesso em 02 de setembro de 2017.
- LISBOA, W. T.; SILVA, T. J.; REZENDE, A. S. B. Magia é de menina, aventura é de menino: os binarismos de gênero na infância pela perspectiva da indústria cultural. **Vozes e Diálogo**. v. 14, n. 02, Itajaí, 2015. p. 86-98.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.
- MORENO, M. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. São Paulo: Moderna, 1999.
- MORIN-MESSABEL, C.; FERRIÈRE, S.; LAINÉ, A.; MIEYAA, Y.; ROUYER, V. Représentations liées aux catégories de sexe chez les enfants en contexte scolaire. **Cadernos de Pesquisa**. v. 46, n. 160. São Paulo, 2016. p. 527-546.
- PENN, G. Análise semiótica de imagens paradas. In: BAUER, M.; W. GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004. p. 319-342.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. v. 20, n. 2, Porto Alegre, 1995. p. 71-99.
- SEFFNER, F. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. **Educação e Pesquisa**. v. 39, n. 01, São Paulo, 2013. p. 145-159.
- TAQUETTE, S. A importância da visão do gênero nas práticas de saúde com adolescentes. In: STREY, M. N.; BOTTON, A.; CADONÁ, E.; PALMA, Y. A. (Orgs). **Gênero e ciclos vitais: desafios, problematizações e perspectivas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p. 67-93.
- TILIO, R. Teorias de gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. **Gênero**. v. 14, n. 02, Niterói, 2014. p. 125-147.
- WENETZ, I.; STIGGER, M. P.; MEYER, D. E. As (des)construções de gênero e sexualidade no contexto escolar. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 27, n. 1, São Paulo, 2013. p. 117-128.